Recebido em: 28/02/2009 Emitido parece em: 17/03/2009 Artigo original

INDICATIVOS QUE JUSTIFICAM UMA EDUCAÇÃO FÍSICA PARTICIPADA E PLANEJADA: UMA INVESTIGAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Evando Carlos Moreira[1], Raquel Stoilov Pereira[2], Tomires Campos Lopes[3].

RESUMO

O objetivo do presente artigo é apresentar os principais conteúdos vivenciados nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em escolas públicas e particulares do município de Santo André, bem como os interesses manifestados pelos alunos, favorecendo o entendimento de que o professor e sua prática considerem os interesses e as necessidades dos educandos como uma via de melhoria do processo de ensino e aprendizagem, a partir de uma Educação Física participada e planejada. Para tanto, o estudo desenvolveu-se em 21 escolas do município de Santo André, SP, sendo cinco escolas particulares e 16 escolas públicas estaduais, contando com a participação de 1891 alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Realizou-se um levantamento bibliográfico e, em seguida, uma pesquisa de campo, utilizando-se como instrumentos um questionário. Entre as constatações presentes na análise dos dados, destaca-se que os alunos questionados afirmam: que as atividades mais praticadas nas aulas de Educação Física são voleibol (61,5%), futsal (61,39%), handebol (42,99%), basquete (32,57%), dentre outras; e que gostariam de obter nas aulas de Educação Física informações referentes à musculação (41,67%), dança (36,22%), lutas (34,37%), atividades aquáticas (34,32%), dentre outras. Assim, conclui-se que se as aulas da Educação Física mantiverem-se as mesmas, desrespeitando seus interesses e se a participação dos alunos ficarem condicionada à mera execução, cada vez mais a disciplina ficará relegada a um segundo plano, perdendo sua importância nessa etapa tão importante do processo formativo dos adolescentes.

Palavras chave: Educação Física, ensino médio, participação planejada.

ABSTRACT

The objective of this article is to present the main contents practiced in the Physical Education classes at Senior High School level in public and private schools in the municipality of Santo André, as well as the interest shown by the students, favoring the understanding that the teacher and his or her practice consider the interests and the needs of students as a means to enhance the teaching-learning process, starting with a participative and planned Physical Education. The study was conducted in 21 schools in Santo André, São Paulo State. Five of the schools were private and sixteen were public state schools and there was a total of 1891 students of the three levels involved. After a bibliographic survey, a research was made using a questionnaire as instrument. Among the results of the analysis of the data, students informed relevant information such as: most of the activities in Physical Education classes are volleyball (61,5%), court soccer (61,39%) handball (42,99%), basketball (32,57%), among others. They also informed that they would like to practice in Physical Education classes muscle building exercises (41,67%), dancing (36,22%), fighting sports (34,37%), aquatic activities (34,32%), among others. It can be concluded that if Physical Education classes are maintained as they are, disrespecting students' interests, and if their participation is conditioned to mere execution, the subject will become more and more a secondary one, loosing importance in this important phase of the formative process of the individual.

Key words: Physical Education, senior high school, planned participation.

INTRODUÇÃO

A prática da Educação Física no Ensino Médio tem sido alvo de diversos estudos e discussões ao longo dos últimos anos. Diversos são os caminhos, desde o apontamento de fragilidades e potencialidades, até a sugestão de propostas de intervenção (CELANTE, 2000; MATTOS; NEIRA, 2000; OLIVEIRA, 2000a; RANGEL-BETTI, 2001; SCHONARDIE FILHO, 2001; PEREIRA; MOREIRA, 2005a; 2005b; KRAVCHYCHYN; OLIVEIRA; CARDOSO, 2008), porém, o pensamento desses autores encontra

um ponto de comunhão, buscam que a prática da Educação Física contribua para o desenvolvimento de adolescentes que dela fazem parte, permitindo que seja mais do que um simples jogo ou um momento de relaxamento e descontração como muitos afirmam, mas um espaço de construção de conhecimentos e significados. Para que isso ocorra faz-se necessário que o professor repense sua metodologia de ensino, considerando a importância de planejar bem suas ações, elencando objetivos claros e que possam ser atingidos, selecionando conteúdos que estejam adequados aos interesses e necessidades de seus alunos, adotem procedimentos de ensino que favoreçam o aprendizado e avaliação dos mesmos, não a partir de um caráter performático, mas por meio da identificação de sua capacidade de apropriação e transformação do conhecimento partilhado.

Considerando esse contexto, a escola deve ser um lugar de gestação das transformações necessárias para o meio social em que se vive, visto a possibilidade de organizar-se a partir das demandas sociais.

O grande desafio para administradores de escolas é fazer com que o corpo docente, discente, pais e toda comunidade possam entender a escola como um local de construção e crescimento coletivo.

Envolver todos esses agentes escolares e a comunidade não significa abrir as portas da escola para que todos utilizem seus espaços para passar tempo quando não se tem algo para fazer, mas possibilitar um local de discussão, reflexão e construção de novos significados, promovendo a conquista da autonomia e exercício da cidadania.

A escola precisa ser um lugar para todos, efetivar-se como espaço democrático. Por conseguinte, Lima (2002, p. 42) pressupõe que:

> A construção da escola democrática constitui, assim, um projeto que não é sequer pensável sem a participação activa de professores e alunos, mas cuja realização pressupõe a participação democrática de outros sectores e o exercício da cidadania crítica de outros actores, não sendo, portanto, obra que possa ser edificada sem ser em co-construção. (sic.)

Nessa perspectiva de participação, é nítida a possibilidade de uma construção conjunta de um espaço de direito dos cidadãos.

Para que isso ocorra, faz-se necessário despertar nos membros da escola e de toda comunidade envolvida, o sentido de pertencimento, do ter parte, do fazer parte.

Alarcão (2003) afirma que a escola deve ser uma comunidade educativa, comunidade pensante, onde o sistema de aprendizagem e formação, constituem-se a partir dos alunos, professores e pais.

Assim, a escola precisa ter vida própria, concebendo, projetando, atuando e refletindo sobre suas ações, questionando o sucesso e o insucesso nas suas causas e estabelecer planos de ação, alimentando-se do próprio saber, fazendo com que tudo gire em torno da missão de educar. Deve ser um lugar de partilha por meio dos conhecimentos curriculares, construídos outrora, estabelecendo possibilidades a todos os que dela fazem parte, a apreensão, a reflexão, a crítica e a transformação desses conhecimentos em novas alternativas.

Todas as ações desenvolvidas pela escola devem integrar-se às necessidades de seus membros, buscando sempre uma construção coletiva e participativa.

A possibilidade de acesso ao conhecimento, aos direitos e deveres sociais e do ambiente escolar, juntamente com novas perspectivas e trabalhos a serem organizados e aplicados, traz aos atores escolares a compreensão do conceito de cidadania, bem como a conquista da autonomia.

Para que tudo isso ocorra, faz-se necessário um olhar crítico e diagnóstico sobre a realidade, o que implicará num retrato claro do que é relevante e deve ser feito por todos, cada um em seu posto, olhando a sociedade do seu ponto de vista, indicando caminhos que podem ser trilhados para a transformação, em prol de todos.

Dessa forma, a organização escolar consciente e participada por todos os seus membros traz uma nova perspectiva de escola e de sua relação com a sociedade.

Com essa visão de escola (re) significada, bem como os papéis de seus atores, chega-se a aquisição e construção de um conhecimento valorizado por todos. Um lugar em que professores partilham seus saberes e mediam a construção do saber de seus alunos. Os discentes, por sua vez, devem se sentir co-responsáveis pelo processo educacional, trazendo suas experiências do cotidiano,

para que haja uma estreita relação entre o conhecimento comum e a produção de novas experiências que contribuam para o desenvolvimento escolar, comunitário e social.

A Educação Física como componente curricular, naturalmente segue, ou pelo menos deveria seguir, o caminho da organização escolar.

Como a própria legislação vigente aponta (LDB 9.394/96) a Educação Física deve estar integrada a proposta pedagógica da escola, assim atenderá aos objetivos educacionais estabelecidos outrora.

Sabe-se da crescente falta de participação nas aulas de Educação Física, que surge, principalmente, nas três séries finais da Educação Básica, o Ensino Médio.

As causas apontadas em vários estudos variam desde uma prática pedagógica docente que privilegia os mais aptos até a falta de motivação pela invariabilidade dos conteúdos da área. Além disso, diferentemente dos demais componentes curriculares, na Educação Física não existe uma progressão gradativa dos conteúdos adequados às faixas etárias e condições locais.

Portanto, torna-se necessário integrar sensivelmente a Educação Física à proposta da escola, bem como organizá-la em conjunto com aqueles que farão uso dela, ou seja, os alunos.

De que Educação Física fala-se? Como torná-la significativa e atrativa?

Primeiramente, deve-se diagnosticar as condições da população escolar, que variam desde a idade, condições cognitivas, físicas e sócio-afetivas, não podendo ignorar os interesses do grupo. Posteriormente, considerar e selecionar quais os conteúdos mais relevantes serão vivenciados e, finalmente, planejar as ações, sem perder de vista que durante e ao final desse processo, existe a necessidade de avaliar todos esses itens.

É muito importante selecionar conteúdos que sejam significativos e tenham relevância na região em que serão trabalhados. Naturalmente não se pode desconsiderar que atividades diferenciadas, novas, de outras regiões e culturas, que privilegiam a participação de todos e acima de tudo sejam dinâmicas, devem ser lembradas no momento de organizar a ação docente.

Os interesses do grupo devem ser considerados, Para que isso ocorra, os alunos precisam ser consultados e convidados a sugerir atividades que julgam importantes e que podem ser incluídas e experimentadas nas aulas. A isso denominamos co-responsabilidade pela prática, ou seja, a partir do momento em que os alunos sentem-se importantes quando consultados e atendidos, tornam-se dispostos a cumprir e participar efetivamente das atividades. Mas, para isso, os professores devem estar sensíveis e abertos a receberem sugestões dos alunos, facilitando a relação e possibilitando uma organização curricular mais democrática.

A participação dos alunos deve ser efetiva e não apenas uma participação "física". É necessário envolvimento, crítica, construção e transformação do espaço de aula, tornando-o um ambiente de desenvolvimento para todos. Uma forma de alcançar com maior facilidade todas essas intenções, e que se torna imprescindível, é planejar, pensar em cada uma das ações e intenções. O planejamento do professor de Educação Física deve estar em consonância com o Projeto Político-Pedagógico da escola e, consequentemente, interligado a todas as áreas do conhecimento, pois assim será capaz de atender as necessidades da escola, dos docentes e discentes.

Dessa forma, o objetivo do presente artigo é apresentar os principais conteúdos vivenciados em aulas de Educação Física no ensino Médio, bem como os interesses manifestados pelos alunos de escolas públicas e particulares do município de Santo André, possibilitando um olhar aos interesses e necessidades desses adolescentes, a partir de uma Educação Física participada e planejada.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, que tem como característica observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem a intenção de manipulá-los, de forma a descobrir a frequência das relações e das conexões de um dado fenômeno com outros, bem como sua natureza e caracterização. (OLIVEIRA, 2000b). A pesquisa foi realizada a partir de um levantamento bibliográfico que destacou informações sobre a prática da Educação Física no Ensino Médio, bem como discussões e perspectivas de organização desse componente curricular com a participação dos alunos.

Questionaram-se 1.891alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio de 21 escolas do município de Santo André, SP, sendo 5 escolas particulares e 16 escolas públicas estaduais, totalizando 24,70% das escolas de Ensino Médio do município.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, a Tabela 1, apresenta as atividades mais praticadas nas aulas de Educação Física, segundo apontamento dos alunos questionados. Vale destacar que não se deve somar os números assinalados, tendo em vista que os alunos podiam assinalar mais de uma opção.

Tabela 1.

Voleibol	1163	61,50%
Futsal	1161	61,39%
Handebol	813	42,99%
Basquetebol	616	32,57%
Tênis de Mesa	320	16,92%
Atividades Recreativas	291	15,39%
Ginástica	197	10,41%
Outras	123	6,50%
Lutas	37	1,95%
Total	**1891**	

Fica nítida a presença preponderante e dominante dos esportes coletivos, indicando que essas práticas são muito comuns nesse nível de ensino. Percebe-se uma diferença considerável nos percentuais apresentados pelas modalidades esportivas coletivas, tais como voleibol (61,50%), futsal (61,39%), handebol (42,99%) e basquetebol (32,57%), sendo que a modalidade com menor percentual, entre as modalidades coletivas (basquetebol), apresenta um número quase duas vezes maior do que a quinta modalidade mais assinalada (tênis de mesa - 16,92%), indicando um domínio pleno desse tipo de atividade.

Autores como Mattos e Neira (2000), Schonardie Filho (2001) e Kravchychyn, Oliveira e Cardoso (2008), sugerem sistematizações da prática de Educação Física no Ensino Médio que superam esse modelo esportivizante, tão criticado há muitos anos e, ao mesmo tempo, ainda muito presente no cotidiano, como indicado nas pesquisas de Celante (2000) e Pereira e Moreira (2005a; 2005b).

Essa predominância das modalidades esportivas coletivas, não se pode negar, é fruto de uma formação profissional tecnicista, que sempre privilegiou o "saber fazer" ou o "aluno-professor-atleta", que ao invés de oferecer possibilidades de desenvolvimento aos alunos "a partir" da prática do esporte e com todas as possibilidades que este oferece (o fazer propriamente dito, mas também o refletir sobre o que fazer, por que fazer e para que fazer, abordando nesse processo os diversos aspectos que permeiam o esporte, tais como as discussões sobre a violência no esporte, o esporte como um elemento cultural, o esporte como trabalho, o esporte como um fenômeno midiático, dentre outras possibilidades), sempre pautou-se na capacidade do aluno, futuro professor, em realizar as sequências de movimentos exigidas em cada uma das modalidades esportivas, sem preocupar-se, necessariamente, se esses saberiam ensinar seus futuros alunos e, acima de tudo, justificar o por quê estavam ensinando.

Assim, é extremamente complexo alterar a forma de atuação de professores que vivenciaram aulas de Educação Física na Educação Básica, ou mesmo, no Ensino Superior, numa perspectiva tecnicista. É natural que no momento da intervenção o professor recém formado se utilize das

experiências que teve. Logo, estará sempre “preso” a reprodução dos modelos a que esteve submetido durante todo o processo de formação básica e profissional.

Porém, não podemos deixar de considerar que o processo de formação continuada, que pode tanto ser oferecido pelas instituições que abrigam em seus quadros professores de Educação Física, como pela busca espontânea do próprio professor, é uma oportunidade ímpar para o desenvolvimento profissional, mais que por vezes é desconsiderada por muitos.

É por demais significativo que o professor de Educação Física possa refletir sobre sua prática, sobre o seu fazer pedagógico e, assim, identificar os elementos necessários para mudança de atitude, de postura, de conduta frente os alunos do Ensino Médio, considerando seus interesses e suas necessidades, oportunizando uma prática participada e planejada.

Para Lima (2002) a escola deve ser um espaço de co-construção, um lugar de todos. Nessa lógica, faz-se necessária a construção conjunta de um espaço para exercício de diretos. Opinar sobre o que será oferecido, por quê será oferecido, é um direito do aluno, o que despertará um sentimento de pertencimento por parte dos membros da escola e de toda comunidade, oferecendo sentido ao “ter parte”, “fazer parte”, “tomar parte”. O que se confirma nas palavras de Alarcão (2003) ao afirmar que a escola deve ser uma comunidade educativa, pensante, integrando no processo de aprendizagem, alunos, professores e pais.

Dessa forma, considerar o que os alunos pensam e sentem é primordial, pois as atividades terão significado se elas forem discutidas e participadas pelos alunos, conferindo uma nova sistemática ao processo de ensino e aprendizagem.

A seguir, a Tabela 2 apresenta as atividades que os alunos apontaram como aquelas que gostariam de obter informações nas aulas de Educação Física. Mais uma vez é importante destacar as observações feitas no quadro anterior quanto a não se somar os números apresentados, tendo em vista que os alunos podiam assinalar mais de uma opção.

Tabela 2

Musculação	788	41,67%
Dança	685	36,22%
Lutas	650	34,37%
Atividades Aquáticas	649	34,32%
Alimentação e Dietas	639	33,79%
Ginástica	609	32,20%
Sexualidade	569	30,08%
Esporte – Origem e Atualidades	483	25,54%
Estética	446	23,58%
Esportes com Raquete	415	21,94%
Drogas (Anabolizantes)	399	21,09%
Benefícios e Prejuízos do Exercício	368	19,46%
Cuidados com o Corpo/ Higiene	365	19,30%
Influências do Esporte	307	16,23%
Preconceitos	297	15,70%
Obesidade	262	13,85%

Anorexia e Bulemia	227	12%
Outras: Futebol Americano (8), Basebol (6), Atletismo (5), Skate (5), Bocha (3), Xadrez (2), Malha (2), Ginástica Olímpica/ Acrobática (2), Massagem (1), Patins (1), Body Combat (1), Práticas Circenses (1), Criquet (1), Hóquei (1).	39	2,06%

A partir desses dados, surgem algumas indagações: Por que os interesses dos alunos não podem ser considerados no momento da definição do que, por quê e para que ensinar? Por que não partilhar informações sobre Musculação (41,67%), Dança (36,22%), Lutas (34,37%), Atividades Aquáticas (34,32%), Alimentação e Dietas (33,79%), Ginástica (32,20%), Sexualidade (30,08%), Esporte – Origem e Atualidades (25,54%), Estética (23,58%), Esportes com Raquete (21,94%), Drogas (Anabolizantes) (21,09%) ou qualquer uma das outras atividades citadas pelos alunos? Quais as maiores dificuldades em desenvolver qualquer uma das atividades mencionadas? Falta de conhecimento? Medo de se expor com conteúdos que não domina? E quem disse que precisamos ou devemos dominar todos os conhecimentos do campo da Educação Física?

Esses dados permitem afirmar que precisamos de uma Educação Física participada e planejada, que permita aos alunos, de fato e no bom sentido, viver e fazer o que tem sentido, o que tem significado para eles. Negar a oportunidade de oferecer conteúdos adequados às suas necessidades implica no reconhecimento dos direitos desses alunos e, consequentemente, favorecem o processo de formação humana e pessoal de cada um.

A ideia não é advogar em nome de uma mudança pura e simples, que substitua conteúdos "tradicionais" citados pelos alunos na Tabela 1, pelos conteúdos citados na Tabela 2. Faz-se necessário reconhecer quais são os reais interesses de cada aluno e uni-los às suas necessidades, entendendo que os professores conhecem-na melhor do que ninguém. Porém, isso somente ocorrerá se os alunos tiverem oportunidade de se manifestar. Essa manifestação precisa ser tutelada, conduzida com inteligência, cautela e, acima de tudo, com a simplicidade de quem deseja ensinar e aprender sempre, respeitando os limites e potencialidades de cada aluno.

Correia (1996) relata uma experiência de planejamento participativo com alunos do Ensino Médio desenvolvida nos anos de 1992, 1993 e 1994, portanto, há quinze anos, apontando a necessidade de pensar o planejamento, organização e administração da Educação Física de maneira diferenciada, pautada no que os alunos entendem que seja necessário para o seu desenvolvimento.

O autor cita os principais elementos que constituíram tal proposta, tais como:

> Este processo teve como pretensão os seguintes objetivos:
>
> a) identificação dos principais temas relacionados com a cultura corporal;
> b) vivenciar atividades relacionadas à esta mesma cultura;
> c) desenvolvimento de uma visão crítica em relação às manifestações corporais, bem como as suas implicações em relação à qualidade de vida;
> d) favorecer o interesse, a participação e o senso crítico em relação as atividades motoras dentro e fora do ambiente escolar.
>
> Além dos objetivos propostos outros aspectos devem ser considerados:
>
> a) papel da escola: colocar à disposição o acervo de conhecimento enquanto patrimônio cultural da humanidade;
> b) o currículo enquanto um meio e não um fim;
> c) currículo enquanto construção cultural e trajetória do aluno a ser feita na escola;
> d) a valorização da experiência vivida e da subjetividade. No desenrolar do processo, as repercussões emergem no interior da escola, na medida em que os alunos envolvidos no trabalho e os não envolvidos, passam a comentar sobre as atividades, principalmente sobre aquelas que não pertenciam a tradição da escola. (CORREIA, 1996, p. 46)

Assim, entende-se que esses elementos precisam ser retomados e levados a cabo, para que, dessa forma, seja resgatado o valor e o papel da escola, bem como a credibilidade da prática da Educação Física no Ensino Médio, quiçá em toda a Educação Básica.

Não significa dizer que os alunos "definirão" o que e quando querem fazer, mas, sim, oportunizar sua participação e envolvimento com os rumos da escola e da Educação Física.

É fato que muitos conteúdos não são de domínio pleno dos professores, mas o professor deve preparar-se para isso, bem como estimular nos alunos a capacidade de buscar e apropriar-se de conhecimentos de maneira crítica e autônoma, por meio de estudos e pesquisas orientadas pelo professor de Educação Física e expostas para a turma como forma de propagação e apropriação de cultura.

Assim, a escola e, consequentemente a Educação Física precisam ser (re) significadas, bem como o papel que cada um, para que o conhecimento seja construído, apropriado e transformado por todos, formando o que Alarcão (2003) define como comunidade educativa e de formação constante. Um lugar de partilhas constantes e de mediações da construção de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados constatados, é possível afirmar que se as aulas de Educação Física mantiverem-se pautadas em modelos tradicionais, desrespeitando os interesses dos alunos, condicionando sua participação a dimensão física, a disciplina ficará cada vez mais relegada a um segundo plano, sem importância nessa etapa do processo formativo dos adolescentes.

Entende-se que a prática da Educação Física precisa ser (re) significada, favorecendo um processo de apropriação de conhecimentos e valores que estejam presentes durante toda vida daqueles que um dia estiveram nas aulas do Ensino Médio. Mas, será que as temáticas apresentadas querem sugerir novos caminhos para Educação Física no Ensino Médio?

Esperamos que sim!

Esses novos caminhos e essa transformação devem ocorrer de maneira rápida, considerando que os espaços de que a Educação Física dispõe no Ensino Médio reduz-se cada vez mais.

Se não for assim e, partindo do pressuposto de um processo de continuidade dessa disciplina ao longo de toda a educação básica, de que adiantará todo o investimento em conhecimento e proposições dos professores que antes atenderam esses alunos?

Seria então considerar que a disciplina não faça parte do processo evolutivo da educação de um modo geral. Esse comodismo secular dos conteúdos e metodologias que tem marcado a disciplina, mesmo se considerando suas contribuições no decurso da história, precisa ser quebrado em favor de uma apropriação das tendências contemporâneas que clamam por um lugar ao sol.

A constante, necessária e urgente renovação desse cenário só ocorrerá quando o professor se revestir de conhecimento, o que aliás é uma "pedra no sapato" desse componente curricular que apesar de muitos avanços no campo teórico, pouco ou quase nada tem se refletido no chão da escola.

A aversão por investimento em conhecimento tem marcado a área da Educação Física distanciando-na das demais disciplinas e expondo-na a fragilidades. É uma questão que precisa ser pensada, refletida e, espera-se, suplantada. Fica registrado o desabafo de professores que almejam uma Educação Física melhor e, de fato e de direito, legitimada no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

CELANTE, A R. **Educação Física e cultura corporal**: uma experiência de intervenção pedagógica no Ensino Médio. 2000. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

CORREIA, W R. Planejamento participativo e o ensino da Educação Física no 2º grau. **Revista paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 2, p. 43-48, 1996.

KRAVCHYCHYN, C; OLIVEIRA, A A B de.; CARDOSO, S M V. Implantação de uma proposta de sistematização e desenvolvimento da Educação Física no ensino médio. **Movimento**, Porto Alegre, RS. v. 14, n. 2, p. 39-62, mai./ ago. 2008.

LIMA, L C. **Organização escolar e democracia radical**: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MATTOS, M G de.; NEIRA, M G. **Educação Física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. São Paulo: Phorte, 2000.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisa, tgi, tcc, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000a.

OLIVEIRA, A A B. Mudanças metodológicas no cotidiano escolar: uma experiência com a metodologia do "ensino aberto" no Ensino Médio noturno. **Corpoconsciência**, Santo André, v. 5, p. 65-79, 1º sem. 2000b.

PEREIRA, R S; MOREIRA, E C. A atuação do profissional de Educação Física no ensino médio: relatos de uma observação. **Corpoconsciência**, Santo André, SP. v. 9, n. 2, p. 81-95, jul./ dez. 2005a.

_____. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, PR. v. 16, n. 2, p. 121-127, jul./ dez. 2005b.

RANGEL-BETTI, I C A. Educação Física no Ensino Médio: analisando um processo de aprendizagem profissional. **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 1, p. 17-22, Jan./Jun. 2001.

SCHONARDIE FILHO, L. **Educação Física na 1ª série do ensino médio**: uma prática por compromisso. 2001. 167 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

[1] Doutor em Educação Física pela UNICAMP/ SP e Professor Adjunto I da Universidade Federal de Mato Grosso/ MT.
[2] Mestre em Educação Física pela USJT/ SP e Professora Assistente do Centro Universitário Várzea Grande/ MT.
[3] Mestre em Educação Física pela UFMT/ MT e Professor Assistente I da Universidade Federal de Mato Grosso/ MT.